

CAPÍTULO 4

LUDICIDADE E INCLUSÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM



<https://doi.org/10.22533/at.ed.909112519034>

Data de aceite: 16/04/2025

Edilândya Alves da Silva

Graduada em Pedagogia, Especialista em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional, Psicopedagogia Clínica, Intitucional e Educação Infantil e Gestão Escolar/ Servidora Pública na Prefeitura Municipal de Caucaia, Ceará - BR
<https://orcid.org/0009-0009-6128-9251>

RESUMO: Esta pesquisa científica tem por objetivo apresentar a importância do lúdico no processo de inclusão no ambiente escolar, ressaltando o universo infantil e suas necessidades afetivas e cognitivas. A ludicidade é a ação expressa através dos jogos e brincadeiras que devem ser conduzidos a fim de proporcionar aos educandos um espaço de aprendizagem atrativo. Para dar respaldo a este trabalho, foi feita uma pesquisa bibliográfica, a fim de colher as informações necessárias de autores/estudiosos que já abordaram sobre a fundamentação do termo lúdico e a necessidade deste como prática pedagógica, para que assim ocorra uma aprendizagem significativa e integral das crianças com necessidades especiais, assim também como o papel do professor nesta dinâmica da inclusão como sendo um

ser mediador e um ser sensível, inserido neste processo, articulando uma proposta dinâmica e ativa centrada no brincar, para melhorar o aprendizado e dar ao educando a oportunidade de crescimento através de atividades pertinentes realizadas com os alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Crianças. Inclusão. Lúdico.

INTRODUÇÃO:

A temática da inclusão é de grande importância e deve ser tratada de forma relevante no ambiente educacional. A medida que a sociedade e a educação avançam, faz-se necessário que a escola contemporânea também quebre paradigmas e progride, buscando transformações que abracem todas as esferas sociais, sem que haja exclusão ou segregação de nenhuma classe. Portanto, oferecer condições para que as pessoas com deficiência tenham seus direitos respeitados e conquiste um desenvolvimento mais humanizado, é de responsabilidade da escola e do professor. Trabalhar o conceito lúdico nesse contexto, oferece diversos benefícios à prática da inclusão.

Alunos com necessidades especiais são uma realidade crescente, o que faz com que exista a necessidade de formação e capacitação dos profissionais da educação, para abraçar de forma coesa e responsável esses alunos. Entender que a inclusão é o único caminho para diminuir o abismo imposto pelos rótulos sociais que subestimam a capacidade desses sujeitos como um todo. A educação deve ser diferente porque os sujeitos são diferentes e a aprendizagem só acontece de fato e de direito quando as leis saem do papel e passam a ser respeitadas. Assim, o educador deve munir-se de ferramentas que propiciem maior bem estar a estes educandos.

Neste contexto, as atividades lúdicas tornam-se um mecanismo valioso para a adaptação e a socialização destes alunos, compreendendo por meio das brincadeiras, atividades livres e individuais como também regras de convivência e trabalho em equipe, o que proporciona o desenvolvimento integral deste sujeito, preparando-o para viver em sociedade. A ludicidade por tanto é de fundamental relevância para a prática pedagógica no processo de ensino aprendizagem.

Para isto, foi realizado uma pesquisa bibliográfica onde foi levantado através da leitura de livros, revistas e conteúdos na internet, materiais para a compreensão do conceito lúdico e como os jogos e brincadeiras podem interferir na aprendizagem e socialização das crianças, promovendo dessa maneira, conhecimento, afetividade e a inclusão que tanto se anseia.

Tais atividades, permeiam ainda a liberdade de expressão, o respeito e a compreensão de si mesmo e do outro.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CONCEITUANDO O LÚDICO

A palavra ludus vem do latim e significa brincar. Neste contexto estão diretamente relacionados os jogos, brinquedos e brincadeiras, apontando que o ser brincante desfrute do prazer recompensador de criar. Amarilha (1997, p. 88) diz que: “Na verdade, a atividade é uma forma de o indivíduo relacionar-se com a coletividade e consigo mesmo”.

O universo lúdico faz parte da vida humana, desde os primeiros movimentos da criança. Huizinga (2000), ao realizar estudo sobre *A noção de jogo e sua expressão na linguagem* afirma:

O latim cobre todo terreno do jogo com uma única palavra: ludus de ludere de onde deriva diretamente lusus [...]. Ludus abrange os jogos infantis, a recreação, as competições, as representações litúrgicas e teatrais e jogos de azar [...]. É interessante notar que ludus, como termo equivalente a jogo em geral, não apenas deixa de aparecer nas línguas românicas mas igualmente, tanto quanto sei, quase não deixou nela qualquer vestígio. Em todas essas línguas, desde muito cedo, ludus foi suplantado por um derivado de jocus, de jogo em geral. (HUIZINGA, 2000, p. 41-42).

O PAPEL DO EDUCADOR DIANTE A INCLUSÃO

Para se tratar de inclusão, antes de qualquer outra coisa é necessário abrir os olhos do coração. Inclusão, nada mais é que amar e respeitar o outro como ele é. Entendendo as particularidades de cada indivíduo e harmonizando seus interesses e direitos, tanto para as esferas educacionais, como para a vida, buscando assim um equilíbrio no processo de ensino aprendizagem e fortalecendo os vínculos entre professores e alunos, escola e sociedade.

A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. (BRASIL, 2008).

Quando se pensa em educação, tem-se em mente a figura de um mediador que estabeleça o processo de ensino aprendizagem, nessa perspectiva, uma figura primordial nesse processo é a do educador.

Para que haja de fato uma inclusão no aprendizado desses sujeitos, existem algumas vertentes que devem ser analisadas. O primeiro ponto que deve ser discutido sobre esse aspecto é o olhar sensibilizado do professor. O educador é aquele que no palco da educação, é responsável por incluir a cada um de seus alunos neste espetáculo e é necessário que este profissional vise um ensino que respeite as diferenças de cada indivíduo, entendendo que na dinâmica da vida, todos os seres são únicos, com suas qualidades, defeitos e características que faz de todos, um ser humano em potencial.

Segundo Rubem Alves (1982), existe uma diferença entre ser professor e ser educador. “[...] professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário não é profissão: é vocação e toda uma vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança [...]”. (ALVES, 1982, p. 16).

O educador responsável e consciente é aquele que entende o valor da inclusão, sabe colocar-se no lugar do outro, estuda e se capacita para estar melhor preparado para as situações com as quais ele irá se deparar. É preciso antes de qualquer coisa ter um olhar diferenciado e particular sobre cada discente e ter a sensibilidade de extrair de cada sujeito o seu melhor, para si mesmo e para o outro, levando assim, os educandos a adquirirem consciência, empatia e respeito pelas particularidades de cada ser humano dentro desse processo. Vivenciar a cultura da inclusão na comunidade escolar, na comunidade familiar e, quem sabe assim um dia, presenciar uma sociedade mais justa e igualitária e uma educação que consiga recuperar os valores perdidos pela humanidade. “Sem o outro não seríamos nada [...] porque a mesmidade não seria mais do que um egoísmo apenas travestido [...] só ficaria a vacuidade e a opacidade de nós mesmos [...]”. (SKLIAR, 2003, p. 29).

A caminhada do pedagogo, é muito mais que a prática do ensino cognitivo, é transformar o mundo a partir da visão da perspectiva de uma criança que se sente aceita, incluída, amada e acima de tudo, respeitada. “Um excelente educador, ama ficar nos bastidores para que o aluno brilhe no palco”. (CURY, Augusto, 2017, o. 82)

O renomado educador Paulo Freire no que se refere a Educação, tratou como prioridade em suas pesquisas o seu olhar sobre o ser humano e os processos referentes a humanização e os seus resultados sobre a vida humana, o mundo e a educação. Dessa forma, pode-se perceber que através de uma decisão ou

compromisso, pode-se tornar o mundo mais humano. Isso não se trata apenas de uma visão romantizada ou utópica, mas de uma escolha de caráter responsável e política sobre essa questão.

A formação do professor é essencial no projeto de inclusão. A escola precisa ser responsável com o aprendizado desses alunos e dar suporte ao professor nessa capacitação.

Matricular o aluno sem o compromisso do seu desenvolvimento cognitivo, social e afetivo é apenas integração e nisso não se assegura o cumprimento da lei. Sabino (2006) citando o grande mestre Paulo Freire relata que:

Este compromisso ‘verdadeiro’ revela-se pela solidariedade, pela luta contra a desumanização e é o que vai dar sentido na busca pela melhoria da condição do viver humano. E esta melhoria só será possível a partir de uma ação conjunta e dinâmica entre homens solidários que, ao alcançarem aqueles com quem se comprometem, formam um encontro de todos, “num único gesto amoroso”. (SABINO, 2006, p. 20 apud FREIRE, 1981b, p.19)

METODOLOGIAS DO PROFESSOR E PRÁTICAS EFETIVAS NA DINÂMICA DA INCLUSÃO

Quando é possível conciliar o desenvolvimento da linguagem da criança com o seu processo cognitivo, ali existe uma comunicação (YOGI, CHIZUKO, 2003, p. 5)

De acordo com o dicionário Aurélio, comunicação é a capacidade de trocar ou discutir ideias, dialogar, com vista de um bom entendimento entre as pessoas. Sabendo disso, é possível entender que quando uma criança ouve e expressa o significado das palavras, ela passa a formular conceitos do eu, do outro e do meio no qual está inserida.

Como já citado acima, é necessário a empatia do professor para inserir está criança no processo de construção da sua própria identidade e os demais colegas de classe na dinâmica de uma consciência social.

Partindo do pressuposto que criança é apenas criança e necessita de estímulos e oportunidades que despertem nelas o impulso natural pela curiosidade, o educador poderá utilizar diversos recursos como facilitadores desse processo, levando a criança a ter prazer em aprender e em socializar com os outros, através de jogos ebrincadeiras diversas, que fará com que essas crianças, desenvolvam a percepção e a sensação do mundo ao seu redor, adquirindo assim habilidades, autoconfiança e autonomia. Como relata Mantoan (2003):

O sucesso da aprendizagem está em explorar talentos, atualizar possibilidades, desenvolver predisposições naturais de cada aluno. As dificuldades e limitações são reconhecidas, mas não conduzem nem restringem o processo de ensino, como comumente se deixa que aconteça. (MANTOAN, 2003, p.38)

Criatividade é a palavra chave que abre um leque de possibilidades ao infinito mundo de conhecimentos humanos e é um desafio ofertar aos alunos essa educação, que não abrange apenas conteúdos, mas que também desperte as habilidades socioemocionais preparando-os a serem seres humanos que aceitem as diversas diferenças. “Nós podemos transformar toda a nossa vida e a atitude das pessoas à nossa volta simplesmente ao mudarmos nós mesmos.” (SILVA, 2020, p. 16 apud DREIKURS).

O aprendizado se dá diante a todo recurso utilizado. Brincar é uma necessidade do ser humano, a brincadeira é entendida como uma forma de expressão e até mesmo de comunicação. Também é vista como uma atividade social de contexto cultural, em que a fantasia e a imaginação enlaçam-se com a realidade. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI, quando se trata da educação de crianças, as atividades devem ser apropriadas às suas necessidades (BRASIL, 1998).

Brincar é também uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia.

O fato de a criança desde cedo poder se comunicar por meio de sons, gestos e mais tarde representar determinado papel na sociedade, faz com que ela desenvolva algumas capacidades como a atenção, a imitação, a memória e a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização por meio da interação, da utilização e da experimentação das regras e papéis sociais. (LOPES, 2006, p.118).

Usar a criatividade, transforma de maneira relevante a forma como o aluno aprende, torna o processo mais leve e a prática do ensino-aprendizagem mais prazerosa.

Sendo assim, não pode-se atrasar o aprendizado dessa criança, inseri-la numa aprendizagem lúdica e humanizada, dá a ela a oportunidade de se expressar

utilizando o próprio corpo através dos jogos e brincadeiras como uma linguagem oral e escrita.

Além dos jogos e brincadeiras diversas, os professores também podem utilizar, diversos recursos visuais, poesias, danças e até músicas na proposta de aprendizagem e inclusão dos discentes, pois a intenção é tratar desse sujeito de forma integral para que ele esteja inserido nos aspectos educacionais e sociais, participando ativamente de todos os segmentos, respeitando suas particularidades e diferenças, trazendo compressão de arte e cultura e proporcionando a eles, experiências novas em cada uma delas.

Por pensarmos uma educação que respeite a experiência do ser humano considerando seus aspectos históricos e culturais, por perceber e compreender que na perspectiva de Vygotski temos esse modo específico de pensar educação, contemplamos na etnografia a possibilidade do Pesquisador imergir nessa cultura por meio do diálogo com esta, “o saber que não passa pela Experiência pessoal não é saber” (YOGI, 2003 apud VYGOTSKI, 2001, p. 7).

Usando como ponto de partida esse pensamento de Vygotski, utilizar a música na proposta pedagógica pode ser um excelente aliado na inclusão, socialização dos envolvidos e também melhorar o aprendizado. Ela tem influência sobre a saúde mental do sujeito e pode agir diretamente nos comportamentos de depressão, ansiedade, agressividade, impulsos, dentre outros tipos de comportamentos que são desenvolvidos nessas crianças, mediante a grande dificuldade em que eles sentem de se comunicar e se expressar.

Dessa forma, contribuir para que exista menos preconceito no processo de ensino/aprendizagem desse sujeito, que em muitos casos, é estigmatizado como incapaz e problemático e, por vezes, rotulado como portador de deficiências, apenas por apresentar comportamentos socialmente indesejáveis (NEVES; MARINHO- ARAÚJO, 2006).

Ou seja, mediante a postura da escola e do educador perante a necessidade das crianças, o cognitivo e o emocional delas devem ser tratados como um todo.

Segundo Aranha (2004):

A escola só poderá ser considerada inclusiva quando estiver organizada para favorecer a cada aluno, independentemente de etnia, sexo, idade, deficiência, condição social ou qualquer outra situação". É por meio da Educação Inclusiva que se integram e efetivam no ambiente escolar conceitos como aceitação e valorização das diferenças, desenvolvimento de potencialidades, integração e respeito, que é o que transforma o espaço escolar em um espaço igualitário e de oportunidade para todos. Dessa forma, como parte de uma sociedade, a escola inclusiva tem contribuído com a aceitação, a inclusão e a acessibilidade das pessoas com deficiência. (Aranha, 2004, p.7).

Portanto, a escola inclusiva é aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades.

CONCLUSÃO:

Conclui-se então que o contexto inclusão, não é algo a ser pensado como um problema de classe, mas sim de toda uma humanidade. A falsa inclusão traça um perfil social de despreparo diante às diferenças, impossibilitando ou dificultando o acesso a todos, independentemente da sua condição física, mental ou intelectual.

Apesar de ainda não haver uma educação inclusiva de qualidade, já é possível contemplar grandes avanços e marcos históricos como as leis que asseguram a participação desses discentes na escola regular, a formação de professores e acima de tudo o respeito pelas diferenças. Tudo isso é de grande valia para essa aprendizagem no processo do fazer pedagógico que tem por base a inclusão.

Viu- se que a educação precisa ainda ter um olhar mais sensibilizado e compromissado com os aprendentes, de maneira que na sala de aula, todos os sujeitos sintam-se acolhidos, abraçados, amados e incluídos na construção que tanto anseia-se dessa comunidade mais igualitária.

Abordou-se também sobre o educador que deve antes de ensinar, emanar amor pela sua missão e na esfera educacional ceder espaço para dar voz e vez a todos, usando como aliado as ferramentas da ludicidade, a fim de tornar o aprendizado mais leve e significativo, dando a todos a mesma oportunidade de aprender e assim quebrar os paradigmas que tem impedido não somente a comunicação, mas também o letramento humanitário e assim, seguir na esperança de que um dia, todos possam habitar em uma escola e em um mundo muito mais inclusivo.

REFERÊNCIAS:

AMARILHA, M. Estão Mortas as fadas? Literatura Infantil e Prática Pedagógica. Rio de Janeiro: Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

Revista HISTEDBR On-line, Campinas, nº 64, o. 170-190, set 2015 – ISSN: 1676 – 2584.

HUIZINGA, Johan. Homo . 4 Ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete lúdico. Dicionário Interativo da Educação Brasileira – EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <https://www.educabrasil.com.br/ludico/>. Acesso em 08 jan 2022.

CURY, A. **O Homem Mais Feliz da História**. Rio de Janeiro: Sextante, 2017

LOPES, V. G. **Linguagem do Corpo e Movimento**. Curitiba, PR: FAEL, 2006.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção cotidiano escolar).

NEVES, M. M. B. da J.; MARINHO-ARAUJO, C. M. **A questão das dificuldades de aprendizagem e o atendimento psicológico às queixas escolares**. Aletheia, nº

24. P. 161-170. Canoas: jul/dez, 2006. Acesso em: Março, 2021. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942006000300015>.

SABINO, S. C. **O lugar do afeto na prática pedagógica na perspectiva dos professores: reflexões sobre a formação docente**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Católica de Petrópolis. Petrópolis: Universidade Católica de Petrópolis, 2006.

SILVA, Z. **Competências socioemocionais. Saiba (quase) tudo o que elas podem fazer por você e por seus alunos**. 1ª edição. Recife: Prazer de ler, 2020. (96 páginas).

SKLIAR, C. Pedagogia (improvável) da diferença. E se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

TORRES, L. dos S.; CORRÊA, V. S. A. A importância do brincar na educação infantil. Publicado em: 21/07/2020. Acesso em: Março, 2021. Disponível em: <<https://revistacontemporantes.com.br/2020/07/21/a-importancia-do-brincar-na-educacao-infantil/>>.

YOGI, C. Coleção Aprendendo e Brincando com Música e com Jogos. Vol. 2, 3^a edição. Editora: Fapi, 2003.

MARTINS, A. A escola da ciência social de Le Play na construção do conhecimento do Serviço Social português. *Intervenção Social*, Lisboa, n. 7, 1993.

ALVES, R. O preparo do educador. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). *O educador: vida e morte – escritos sobre uma espécie em perigo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ARANHA, M. S. F. Educação Inclusiva: transformação social ou retórica. In: OMOTE, S. (org.). *Inclusão: intenção e realidade* (pp. 37-60). Marília: Fundepe, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998